

“Uma revolução silenciosa”: notas sobre o ingresso de setores de baixa renda na universidade.

Tania Dauster

Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio

Pesquisadora do CNPq

Julho, 2004

Resumo:

Este texto tem como objetivo refletir sobre aspectos das mudanças por que passa uma universidade não-pública e religiosa considerada, ainda, por grande parte da população, de classe média alta ou de elite econômica e sociocultural. Esta reflexão é parte de uma pesquisa em curso, cujo alvo principal consiste em mapear as relações entre os estudantes universitários e a cultura letrada. Estes aspectos não serão analisados no presente trabalho.

Entretanto, para melhor entender essa problemática e o significado da escrita e da leitura sob o ponto de vista do universo estudado, a saber, os estudantes que se auto-definem como bolsistas, tornou-se relevante perceber quem são esses estudantes, considerando-se o seu modo de vida e cotidiano, aspectos que serão aqui focalizados. A

etnografia e a busca do entendimento da heterogeneidade revelaram um perfil diferenciado entre os alunos.

Palavras-chave: Antropologia, Educação, Universidade.

Abstract:

The objective of this study is to analyze some aspects of the transformations under way in a private religious university that is viewed by many as upper middle-class and part of Brazil's economic, social and cultural elite. This work is part of an ongoing research whose main aim is to map the relations between students and literate culture. These aspects will not be discussed in this study.

However, in order to understand better this problem and the meaning of writing and reading in the universe of the subjects under observation, to wit, the students that define themselves as scholarship-supported, the way of life and customs of these students became a relevant factor and are the object of this analysis. An ethnographical approach and the incorporation of the concept of heterogeneity revealed significant differences in profiles among the students.

Keywords: Anthropology, Education, University.

Introdução

Este texto tem por objetivo refletir sobre aspectos das mudanças por que passa uma universidade não-pública e religiosa considerada, ainda, por grande parte da população, de classe média alta ou de elite econômica e sociocultural.¹ Esta reflexão é parte de uma pesquisa em curso, cujo alvo principal consiste em mapear as relações entre os estudantes universitários e a cultura letrada. Estes aspectos não serão analisados no presente trabalho.²

Entretanto, para melhor entender essa problemática e o significado da escrita e da leitura sob o ponto de vista do universo estudado, tornou-se relevante perceber quem são esses estudantes, considerando-se o seu modo de vida e cotidiano, aspectos que serão aqui focalizados.

A etnografia e a busca do entendimento da heterogeneidade revelaram um perfil diferenciado entre os alunos, dando início à reflexão sobre as diferenças entre os estudantes, destacando-se apenas uma parte do universo estudado, que se auto-define como bolsista³, ou seja, alunos que recebem bolsa de ação social ou reembolsável para cobrir despesas com a mensalidade. Esta autodenominação remete a um estilo de vida e a uma determinada definição de realidade que orientam as relações dos bolsistas com o mundo acadêmico, questões que serão também comentadas neste trabalho.

Campo empírico e universo social estudado

A escolha do contexto para a realização da pesquisa recaiu em uma universidade particular situada na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, que se destaca pela excelência acadêmica e que se define como religiosa. Por ser uma instituição filantrópica, vem concedendo bolsas de estudo para estudantes dos chamados setores populares, cuja renda seria insuficiente para arcar com o pagamento das mensalidades universitárias.

Essas bolsas têm como finalidade apoiar o estudante de baixa renda no financiamento de seus estudos superiores. São vários os tipos de bolsa concedidas, que vão implicar total ou parcialmente na prestação deste apoio endereçado a uma clientela também diversificada em termos de condições socio-econômicas.

Contudo, o interesse maior, no caso deste artigo, recai sobre o processo de entrada e permanência na universidade daqueles estudantes que pertencem aos setores menos favorecidos do ponto de vista econômico. Esses alunos, tendo sido admitidos através do vestibular, não teriam condições de permanência caso a instituição não adotasse esta política filantrópica, o que vem fazendo de forma cada vez mais consistente desde os primeiros anos da década de 1990⁴, dotando bolsas de ação social que cobrem integralmente custos de matrícula e mensalidade.

No entanto, o universo social pesquisado inclui tanto os bolsistas, termo usado pelos estudantes, como aqueles outros universitários cujos familiares podem assumir o compromisso relativo aos custos da universidade.

Os dados básicos do segmento estudantil contatado no campo serão aqui apresentados com o objetivo de traçar um perfil amplo dos sujeitos entrevistados. São dezenove (19) alunos com idades variando entre 20 e 49 anos. Destes, cinco (5) são homens

e quatorze (14) são mulheres. Quanto ao estado civil, quatorze (14) são solteiros, três (3) são casados, uma (1) é viúva e um (1) não declarou. Somente quatro (4) destes alunos têm filhos.

Os alunos residentes na Zona Sul são onze (11), sendo que oito (8) residem nos bairros considerados mais nobres da cidade e três (3) em áreas de pouco prestígio como o Morro Dona Marta e a Rocinha; três (3) residem na Baixada Fluminense; um (1) reside no Centro da cidade e dois (2), na Zona Oeste. Oito (8) alunos cursaram escola particular antes de ingressar na universidade; seis (6) cursaram escola pública, dois (2) não declararam e três (3) cursaram tanto escola particular quanto pública.

Quanto à profissão dos pais, encontramos uma grande variedade de profissionais liberais (dentistas, engenheiros civis, músicos, fonoaudiólogos, arquitetos); professores universitários; empregados domésticos; comerciantes; pedreiros; e uma cozinheira. Já no tocante às próprias atividades profissionais, sete (7) alunos fazem o estágio obrigatório do curso e o restante realiza as seguintes atividades: ajudante de lanchonete, professor voluntário de educação infantil, merendeira. Em relação às outras atividades desenvolvidas na universidade, seis (6) alunos freqüentam a Oficina de Leitura e Escrita, três (3) participam de atividades do Diretório Central de Estudantes (DCE) e o restante participa de seminários, palestras, trabalhos na Pastoral Universitária e de pesquisa.

No que tange à forma de pagamento da universidade, treze (13) são bolsistas, dos quais: quatro (4) recebem bolsas parciais; nove (9) recebem bolsa total; e seis (6) não recebem bolsa.

No que se refere aos hábitos de lazer, os alunos pertencentes aos segmentos populares fazem referência, com freqüência, a ir à Igreja e a assistir televisão. Os alunos de maior renda fazem referência ao teatro, ao cinema e ao “barzinho”. No tocante ao tipo de religião, três (3) alunos se dizem católicos; dois (2) são evangélicos e o restante não declarou.

Na questão da etnia, oito (8) alunos declararam-se brancos e o restante não declarou. O meio de transporte utilizado para chegar até à universidade é predominantemente o ônibus. Fizeram pré-vestibular comunitário seis (6) alunos.

Os alunos provenientes das escolas públicas distribuem-se entre os cursos de Pedagogia (4), Serviço Social (2), História (1) e Filosofia (1). Os dois primeiros correspondem aos cursos vistos como menos prestigiados socialmente.

Um outro dado relevante para caracterizar muitos dentre os alunos dos setores de baixa renda é a passagem pelos pré-vestibulares comunitários, entre os quais o “Pré-Vestibular para Negros e Carentes”. Essa trajetória torna esses estudantes, em sua grande maioria, comprometidos com o “desafio de estar na universidade e ao mesmo tempo retornar à base e estar contribuindo para que outras pessoas possam vir a participar desse grande ideal, dessa grande luta que é a universidade pública ou privada” (Valdir, 27 anos).

Para finalizar, vale acrescentar que a totalidade do universo de setores populares que ingressou na universidade e que, em parte, vem sendo aqui estudada, constitui-se como a primeira geração no seu âmbito familiar a romper a fronteira educacional do ensino superior.

Sobre a etnografia

No decorrer do ano de 2001, após as intensas leituras de autores dos campos antropológico e educacional, a equipe de pesquisa deu início ao trabalho de campo.

Tratava-se de estranhar o familiar (Velho, 1981), pois o trabalho de campo e as entrevistas semi-estruturadas tiveram como objeto a observação do cotidiano e das relações sociais, a busca do significado emergente, o olhar sobre a sociabilidade no próprio espaço social de trabalho docente do coordenador da pesquisa e de atividade discente dos integrantes da pesquisa. Portanto, de certo modo, compartilhavam, pesquisadores e pesquisados, experiências, gostos, valores, concepções e cotidiano relativamente próximos. Isto sugere que as trocas simbólicas eram perpassadas por distâncias e proximidades a serem estranhadas. Em outras palavras, além de ver o(s) pesquisador(es) como parte do problema, estratégias simbólicas eram requeridas no sentido de *desnaturalizar* os fenômenos à volta para percebê-los como socialmente construídos, pois pertencentes ao campo da cultura e das relações sociais.

Entretanto, não cabe aqui fazer um relato pormenorizado deste momento, em que pese a sua relevância em uma pesquisa de natureza antropológica. Assim percebida, a

etnografia visa a construção de um olhar descentrado, elaborado a partir do ponto de vista dos sujeitos pesquisados, buscando entendê-los nos seus valores, crenças e modos de vida.

Trata-se, pois, do uso de etnografia como opção teórico-metodológica, o que induz a formas de problematização próprias da teoria antropológica, assim como a escolha de uma teoria da cultura, questão emblemática no contexto do trabalho antropológico.

Não somente Clifford Geertz serviu-nos para tomar a cultura como “teia de significados” (1978), mas também adotou-se de Gilberto Velho (1986) a concepção da situação de entrevista como “pesquisa-diálogo”, e de Queiroz (1998), a percepção de que as entrevistas são, por excelência, situações dialógicas e técnicas de coletas de dados. Na perspectiva da busca de padrões sociais, elas representam tentativas de compreensão do social nos indivíduos.

Com estes referenciais, por dois semestres, os participantes da pesquisa voltaram-se para os diferentes espaços universitários – a sala de aula, a biblioteca, os espaços de lazer e de alimentação e os corredores – com um outro olhar, exercitando o papel de pesquisadores. O uso do diário de campo, registro do observado, relato do cotidiano universitário, era objeto de debates nos encontros semanais da pesquisa.

Horas de trabalho foram dedicadas às entrevistas, tanto à sua preparação quanto à avaliação da atuação dos entrevistadores e dos sujeitos entrevistados. Enfim, reunimos um material importante, embora incompleto, mas que permitiu reflexão sobre as transformações e os conflitos que puderam ser observados com a entrada dos estudantes de setores de baixa renda na universidade, supostamente de elite no dizer de muitos estudantes.

Uma vez situados estes parâmetros de pesquisa, serão focalizados aspectos significativos observados durante a investigação, relevantes para melhor entendimento das tensões, mediações e transformações em curso na universidade estudada.

Tensões e mudança

As questões étnicas e de posição socio-econômica vêm compondo uma outra história para as relações entre os alunos nesta universidade e motivando crises setoriais, constituindo-se em momentos ricos para a percepção das tensões socioculturais.

Nessa linha, foi presenciada uma reunião marcante pelo seu ineditismo, que envolveu alunos e professores do departamento de educação, com o objetivo de buscar meios de avaliar as insatisfações que eclodiram a partir de interpretações de discriminação, por parte dos alunos bolsistas, provenientes de setores de baixa renda, que, neste departamento, representam 40% do alunado, o que implica em um outro perfil para os graduandos e para o curso.

Uma representante do grupo fez um histórico desse segmento, mostrando que os alunos dos chamados setores populares têm uma realidade geográfica e social diferente. São originários da Baixada Fluminense, da Zona Oeste da cidade e da Rocinha. Coursaram o sistema público de ensino e lutaram muito para chegar à universidade.

O dia-a-dia na universidade mostra tensões e contrastes. Revelam-se constrangimentos e queixas sobre atitudes preconceituosas por parte de professores e colegas. Estes alunos mostram-se sensíveis a comentários negativos sobre o ensino público e sobre a queda de qualidade do curso universitário com o ingresso dos setores populares. Percebem discriminações por parte dos professores e vêem dificuldades no estabelecimento de parcerias com alunos não-bolsistas com a finalidade de realização de trabalhos em equipe. Sentem movimentos de evitação e críticas às dificuldades ligadas à atividade de leitura e de escrita.

A crise relatada mostra, entretanto, uma certa mudança nas relações de poder entre “bolsistas” e “elite”, ao retirar o conflito da latência, abrindo publicamente o “tumor”, na busca de relações mais igualitárias. Como expressa Mariana (27 anos), falando sobre as diferenças e a unidade entre os estudantes universitários: “Somos alunos, temos interesses em comum, embora eles tenham vindo de outra dimensão, mas eles não têm culpa, nem eu tenho culpa de ter vindo dessa. É o sistema que faz com que a gente tenha essa diferença”.

Sem considerar produtivo radicalizar as analogias entre o universo que é estudado e a etnografia realizada por Norbert Elias e John Scotson (2000) sobre “estabelecidos” e “outsiders”, dentro da perspectiva de um estudo de comunidade, vejo a importância de trazer para este artigo alguns pontos que marcam a análise de Elias e Scotson para uma teoria geral das relações de poder. Como pensá-los?

Os integrantes das categorias “bolsistas” e “elites”, tais quais os “estabelecidos” e os “outsiders”, estão em relações de interdependência tensa e desigual que tanto separa quanto

une. As distinções entre as duas categorias são percebidas em função de relações de evitação e exclusão, em processos de estigmatização e rotulação. Nas queixas de integrantes dos setores populares em relação a colegas de outros segmentos economicamente privilegiados, percebe-se que a chegada de seus membros à universidade particular é sentida como ameaça ao estilo de vida da universidade e à sua “qualidade”, embora o que se entende por qualidade não esteja definido em nenhum momento. Que expectativas, padrões e normas estarão subentendidos quando se fala em “qualidade do curso”? Qual a pertinência da universidade nos dias atuais? Qual seu papel? Como pensar as questões relativas ao currículo tendo em vista os desafios de hoje?

Por outro lado, é possível que subjacente às tensões mencionadas esteja o discurso, construído pela negação e pela ausência, direcionado aos setores populares, típico de posturas etnocêntricas, acarretando tabus de contato e atitudes de evitação expressos em atos e palavras.

A vida universitária

Os relatos feitos pelos bolsistas a respeito de seus cotidianos expressam os longos e desconfortáveis deslocamentos entre suas casas e a universidade, uma vez que muitos deles moram em subúrbios distantes da Zona Sul da cidade, onde se situa a universidade.

Contudo, como diz Valdir (27 anos), “ser estudante universitário é uma grande conquista. É pertencer a um grupo muito pequeno. Fala-se que apenas 1% da população afro-descendente, pobre, está na universidade brasileira”.

Mas, como é descrito esse dia-a-dia?

A rotina inclui acordar cedo, comparecer às aulas, participar de estágios e, por vezes, de grupos de pesquisa. As dificuldades relativas ao desempenho de múltiplos papéis, no caso das mulheres com seus afazeres domésticos, podem ser particularmente desgastantes. São consideráveis os custos financeiros para a compra de fotocópias, alimentação e transporte exigidos pelas novas atribuições.

A participação em pesquisa e a bolsa de iniciação científica são fatores relevantes tanto em função das hierarquias estabelecidas entre os estudantes e da distinção que implicam no currículo, como também enquanto formação universitária.

Conquista, luta e desafio são termos recorrentemente usados para falar da vida universitária e demonstram o significado da universidade para esses estudantes, os primeiros nas suas famílias de origem a ingressar no 3º grau.

Como explicar tal valorização que implica em tanto desgaste cotidiano?

Cristiano (23 anos), por exemplo, comenta sua entrada na universidade dizendo que “não tinha nenhuma possibilidade, nunca foi o meu plano”. Ainda, segundo Cristiano,

a universidade mudou toda minha trajetória de vida. Acho que se não fosse isso, estaria em outro caminho. Estava trabalhando, não ia ter tempo livre para poder me dedicar a uma ONG (Organização não-governamental), fazendo um trabalho social onde moro.

A vida universitária não está “naturalizada” como projeto de vida, considerando-se os valores de maior destaque na socialização primária. Esse projeto aparecerá como tal, através de ações direcionadas para essa finalidade, mais tarde. Por essa razão, me pergunto, até que ponto possuem o caráter de “inevitabilidade”, próprio da socialização primária (Berger e Luckmann, 1966⁵)? No depoimento de Cristiano afloram algumas questões referentes à escolha do curso, a saber, as dificuldades de escolha, considerações de ordem prática e identificações com figuras importantes como professores:

Bom, eu nunca tinha pensado muito bem em entrar na universidade, nem nada desse tipo. Terminei meu segundo grau, agora ensino médio, em torno de 96, foi 96 que eu terminei, e eu estava trabalhando, não pensava muito em cursar nada desse tipo, me lembro até que os colegas quando acabaram a formatura, saíram para comemorar. Aí todos faziam um plano assim de tentar o vestibular ou algo desse tipo e eu não tinha nada em vista. Eu já estava trabalhando na universidade, trabalhava na lanchonete. Eu me lembro que foi no final de 96 que teve uma reunião geral, toda a equipe com os donos da loja, e aí falaram que, caso alguém da equipe desejasse tentar algum vestibular e passasse, eles conseguiriam uma bolsa. Aí, eu conversei com um ex-cunhado meu, pois ele também estava interessado em fazer Serviço Social, só que não via como, por achar um pouco difícil tentar para uma pública. Aí eu conversei com ele e falei que tinha a possibilidade de conseguir bolsa aqui... O curso que eu escolhi teve a influência de um professor meu de História,

que eu gostava. Eu sempre lia alguma coisa relativo à história, mas nunca tinha pensado em ser professor de história, era algo que eu não me via. Eu também não me vejo muito bem, mas... não sei. Eu vejo mais como um, não vou dizer que é hobby, porque a gente precisa ter alguma fonte de renda ou algo desse tipo. Eu já dei aula, já pratiquei, mas eu acho que eu ainda não me acostumei com essa nova identidade. Já estou quase me formando, mas acho que é um pouco distante às vezes.

Eu acho que eu me identifico mais com, acho que assim meio chato, meio lugar comum falar isso, mas eu venho de uma comunidade de baixa renda, favela e tudo, e eu vejo que a minha importância talvez seja pelo outro lado mais no social, de adquirir o conhecimento para poder agir de uma outra forma também. Eu vejo até o exercício do magistério dessa forma também, você conseguir construir alguma coisa, modificar uma estrutura, esse tipo. Acho que me identifico mais com isso, não com a figura do líder comunitário, isso não tem a ver comigo, mas com um cidadão que age, dentro de seu campo de trabalho. Eu acho que no magistério e em história ainda dá para se agir muito nesse sentido. Dá para construir muito.

Um outro depoimento mostra a importância dos pré-vestibulares comunitários no ingresso na universidade e no estabelecimento de uma rede de relações de intercâmbio de trocas imateriais e regras de reciprocidade como base da vida social (Lévi-Strauss, 1973 e Mauss, 1974).

Nas palavras de Valdir, o PVNC (Pré-vestibular para Negros e Carentes)

é um preparatório para o vestibular para pessoas negras e carentes, mas, principalmente, contribui, não só para a inclusão e inserção do indivíduo negro e carente na sociedade, na universidade, mas também contribui para a sua formação e cidadania. Um dos pontos principais e a grande conquista nossa é de que, à medida que a pessoa entra na universidade, ela se sente na obrigação de voltar à base, retornar à comunidade de onde ela veio, e contribuir de alguma maneira.

A meu ver, constitui-se assim um outro agente de intercâmbio e uma teoria da *obrigação* social. Nos termos da tese de M. Mauss (1974) sobre o *Dom*, a vida social se expressa por três obrigações: doação, recepção e devolução. Institui-se um circuito de “bens educacionais”, um fato social, no caso dos pré-vestibulares comunitários, através de prestações e contraprestações de conhecimentos.

Da mesma forma, o papel dos pré-vestibulares comunitários é crucial na viabilização deste rito de passagem – ou seja, os passos para a entrada na vida universitária –, no sentido, também, de que estes indivíduos, no curso de suas biografias, fazem uma mudança de um status social para outro. Esta mudança pode ter o sentido de um deslocamento social em termos de posição de classe, mas não necessariamente em termos de mudança de classe social (A. Van Geneep, 1978). A participação nos pré-vestibulares citados representa um período de liminaridade, no qual os estudantes são iniciados em valores básicos da vida universitária, sendo o vestibular o auge de uma seqüência de movimentos e mecanismos básicos que constituem esta passagem. Essa transição é particularmente significativa, pois implica a interiorização de padrões consistentes da cultura escrita acadêmica por um universo social, cujo processo de socialização primária é predominantemente de base oral.

Neste sentido, a permanência na universidade, na qual as transmissões de conhecimento acadêmico são fortemente enraizadas na cultura escrita, deve constituir-se como uma seqüência deste rito que vai exigir grande ênfase na produção e na leitura de textos.

Mediações⁶ e mediadores

Grande parte dos estudantes com bolsas de ação social prepara-se para o vestibular nos chamados cursos de pré-vestibular comunitário, organizados para atender aos setores de baixa renda a partir do trabalho voluntário daqueles que se propõem a desempenhar o papel de professores e procuram apoiar as aspirações universitárias desses segmentos.

Estes cursos estão instalados em diferentes áreas da cidade e em diversos contextos, como universidades e instituições religiosas. São relativamente novos, atuando desde a década de 1990, concretizando-se através de movimentos populares, politicamente orientadores de ações educacionais, cujo objetivo é o ingresso dos ditos setores populares

na universidade. Este é um ponto significativo, pois a atuação destes cursos gera situações propiciadoras de mediações e um outro agente social, como foi dito.

Na visão de Jailson de Souza e Silva, 41 anos, doutor em Ciências da Educação, professor da UFF e coordenador do CEASM⁷, e que trabalha nesta área, existem mais de 150 centros com esta característica no Rio de Janeiro (Jornal O Globo, domingo, 19 de agosto de 2000, p. 27). O CEASM, em particular, busca a reversão dos clichês ligados à favela (como lugar de ausências) e da visão negativa associada a seus moradores, valorizando a capacidade de criação que é de todos. Os projetos desenvolvidos desde o início já geraram frutos consideráveis: 151 jovens ingressos em universidades públicas e privadas, mediadores e multiplicadores potenciais. Segundo o coordenador do CEASM, trata-se de uma “revolução silenciosa”.

O próprio Jailson de Souza e Silva é um mediador, como mostra a sua trajetória de vida e a sua capacidade de transitar por diferentes contextos. Tendo crescido na Maré e se tornado professor universitário com doutorado em Educação, como foi dito, Jailson vem revelando intensa capacidade de costurar diferentes universos sociais, também abrindo novos horizontes para os alunos que freqüentam o pré-vestibular por ele coordenado na Maré.

Sejam os estudantes bolsistas provenientes dos já citados PVNC ou CEASM ou de outros cursos com a mesma finalidade, o fato é que eles tendem a atuar também como mediadores, ora exercendo o papel de estudantes, ora a função solidária de professores de vestibular.

Em que pese as suas diferenças internas sobre concepções ligadas a este papel, esses estudantes revelam alto grau de coesão interna, ancorados em uma visão política do seu significado social enquanto universitários. Enquanto mediadores, são comunicadores, entre dois mundos com imenso potencial de transformação social, tanto no que diz respeito ao espaço universitário quanto ao próprio contexto social de origem.

Cabem algumas explicações. A passagem pelos pré-vestibulares comunitários tende a sedimentar compromissos políticos e sociais, ao lado de sentimentos de valor e auto-estima que impulsionam os bolsistas em direção às suas demandas no contexto universitário, entre as quais encontra-se o acesso consistente às tecnologias da cultura letrada.

A presença destes estudantes vem mudando, em parte, as relações sociais na universidade. Por outro lado, depreendem-se ações em “mão dupla”. Como entendê-las? Ao mesmo tempo que transformam o modo de vida universitário, trazendo outros valores, atitudes e estilos de vida para o seu dia-a-dia, intervêm nos seus universos de origem, lá também modificando valores e atitudes, exercendo como voluntários a comunicação e a mediação entre níveis culturais distintos, ao preparar outros candidatos para o vestibular.

Ressaltados os potenciais de intervenção social apresentados por estes estudantes, pode-se perceber o alcance do depoimento a seguir:

Hoje se fala em 600, 500 estudantes bolsistas que fazem parte de uma realidade financeira, socio-econômica, totalmente diferente da classe média alta, ou seja, estudantes pobres, provenientes de movimentos sociais, do pré-vestibular para negros e carentes, filhos de funcionários da universidade, que são também em sua grande maioria, funcionários de pequena aquisição (Valdir, 27 anos).

Este outro perfil de universitário significa, a meu ver, que a universidade em foco, emblema de excelência no contexto brasileiro, cuja história está identificada com a formação das elites no país, abre as suas fronteiras para matricular os setores populares. Trata-se de um processo de democratização de oportunidades educacionais, e a sua importância tanto quanto seus efeitos ainda são pouco estudados. Porém, a observação do dia-a-dia é reveladora de tensões, como será abordado no próximo item deste texto.

Linguagem⁸, sociabilidade e conversa

A meu ver, o projeto universitário surge como possibilidade concreta na vida desses estudantes somente a partir da socialização secundária, fora do meio familiar, no contato com a luta pelos direitos de cidadania que vêm sendo desenvolvidos nos últimos anos através de movimentos sociais. Por esta razão, talvez, a identidade de estudante universitário nem sempre é introjetada coerentemente pelo indivíduo em todas as situações vividas.

Juliana (23 anos) dá um depoimento expressivo sobre essas tensões. Sua fala mostra como a construção social da identidade se efetiva nas relações sociais, já que não é uma

essência ou substância imutável. Ao contrário, depende da situação e das interações vivenciadas, ou seja da sociabilidade.

É interessante, me sinto mais universitária fora da universidade do que dentro... parece que eu caí aqui de pára-quedas, mas lá onde moro, não... não é que sou metida, mas eu me sinto entendeu? É um ego que fala dentro de mim.

Juliana se refere às dificuldades que sente estarem associadas à “base” e à “estrutura”. Em outras palavras, ao lugar social, de onde se origina. Por outro lado, reconhece a sua auto-estima renovada com a entrada para universidade. Desdobra seus comentários mostrando que “está sendo muito complicado em todos os sentidos, pela interação entre os amigos, pela interação com os textos, ainda mais quando se põe isto em prática, isto é, fazer trabalhos, realizar uma prova, começar a fazer uma amizade”. Para ela, ser estudante é “ter tempo para estudar”.

Em outro artigo⁹, foi feita menção à sociabilidade entre os estudantes na “biblioteca central”. Lembrei Simmel (1983, p. 177), para quem a conversa é a forma mais pura e elevada de reciprocidade entre iguais, ou seja, entre indivíduos que partilham as mesmas referências sociais. De acordo com Simmel, “conversa é a realização de uma relação que, por assim dizer, não pretende ser nada além de uma relação – isto é, na qual aquilo que usualmente é a mera forma de interação torna-se seu conteúdo auto-suficiente”.

Juliana acrescenta ainda que “o pessoal fala umas coisas que não sei, conversa. A coragem de falar, eu não tenho essa coragem”. Seu depoimento mostra a dificuldade que estes estudantes encontram para estabelecer trocas fora de seus círculos sociais e para superar as barreiras culturais e as hierarquizações sociais.

As fronteiras simbólicas redesenhadas no contexto universitário expressam-se, portanto, nas relações de sociabilidade. Viagens ao estrangeiro à passeio ou em programas de intercâmbio são barreiras para a interação mais espontânea entre os estudantes por traduzirem valores e estilos de vida distintos. Revelam, segundo Cristiano, preconceitos:

...eu estava com dois colegas e eles conversando, que o rapaz foi para Los Angeles, Nova Iorque e o outro contando a viagem dele para a Índia. E eles lá conversando, e eu meio quieto, só tinha viajado para o Espírito Santo, uma

vez. Aí um rapaz virou para mim e perguntou: “E você, para onde viajou?” Então, eu falei: “eu fui para o Espírito Santo, ver a família de minha mãe”. Aí, ele virou para mim e falou: “Mas o que você está fazendo aqui dentro?”

Estes depoimentos são importantes, pois desvelam, do ponto de vista dos estudantes, as tensões e ambivalências do processo de entrada dos estudantes de camadas de baixa renda, cujo modo de vida se distancia, em vários aspectos, de outros universitários com situação de vida economicamente privilegiada.

Norbert Elias e John. L. Scotson (2000, p. 208), comentando as relações entre “estabelecidos” e “*outsiders*”, as quais este estudo até certo ponto evoca, mostram que essas relações “possuem regularidade e divergências recorrentes. No fundo, sempre se trata do fato de que um grupo exclui outro das chances de poder e de status...”.

Mantendo o foco de análise nas relações de sociabilidade, pode-se observar que mapas sociais são construídos a partir do significado que a vida universitária apresenta para os estudantes, tendo em vista o lugar social ocupado. Distintas “tribos” se formam, configurando “diferentes universidades”, por assim dizer. Vejamos.

Indagado sobre se via diferenças na universidade e quais seriam essas diferenças, Cristiano comentou:

Vejo a diferença bem social mesmo e até dos cursos... Os cursos acabam tendo uma cara de cada classe. Eu acho que na área de Humanas, ciências sociais como um todo, você vê que são alunos de baixa renda, que são alunos do PVNC. Na História tem muitos, na Pedagogia, também. Coisa que você não vê na Engenharia, não sei porquê.

Cristiano diz que os alunos dos cursos mencionados, nos quais grande parte deles é bolsista, “são cursos assim que o mesmo grupo de alunos fica nos mesmos locais”. E acrescenta: “Bar dos funcionários ali, fica sempre a maioria do pessoal bolsista. Enquanto o resto da universidade já tem outros grupos. Tem o pátio principal, tem esse outro pátio onde o bar é freqüentado por outra classe”.

Cristiano, ao falar sobre a “cara” dos outros cursos, vai revelando uma paisagem social. Por exemplo, no curso de Direito, um outro público se apresenta, a classe, o perfil e

o modo de encarar a vida são diferentes. Nas áreas de Administração, Economia, Engenharia, o perfil é também diferente, mais próximo do curso de Direito.

Do ponto de vista de Cristiano, a comunicação espontânea entre os estudantes de estilos de vida distintos só ocorre nas festas. É quando os alunos do “pátio”, os “burgueses”, e os outros interagem de forma mais descontraída.

Eu acho que são classes sociais diferentes. Porque vêm todos de uma construção do próprio curso pré-vestibular. Têm uma formação mais política. O PVNC observa as raízes sociais e até raciais do aluno. Eu acho que ele já entra na universidade com esse perfil de conseguir compreender toda uma construção, qual o papel dele na universidade, qual o papel dele na comunidade dele. Acho que isso já o diferencia do restante. Não que o outro aluno, do pátio ou da avenida, não tenha isso, mas isso é criado no próprio caminho que ele está percorrendo para ele entrar na universidade que abre isso nele, acho que essa seria diferença maior, ao meu ver seria isso.

Isto posto, podem-se perceber constrangimentos nas relações entre alunos que pertencem a diferentes segmentos socio-econômicos. No dia-a-dia, as diferenças sociais se refletem nas escolhas mais banais. As diversas tribos estudantis têm seus bares e restaurantes específicos. Ao mesmo tempo, se reconhecem e se distinguem através da particularidade de suas técnicas corporais, dos usos da roupa, do vocabulário e dos assuntos de conversa.

Conclusões

As reflexões até aqui apresentadas nem de longe se propõem a esgotar o assunto. São parciais e aproximativas, embora abordem aspectos importantes da inserção de indivíduos dos setores populares em uma universidade onde o alunado, em grande parte, pertence aos setores privilegiados da sociedade.

Em termos políticos e sociais, opera-se uma necessária inclusão social dos setores populares na universidade particular. Contudo, esta inclusão, no dia-a-dia, revela inúmeras formas de exclusão, ou seja, ao mesmo tempo, como está sendo demonstrado, operam-se

concretamente processos de inclusão/exclusão. Alguns apresentam facetas sutis. As evitações e os preconceitos existentes são perceptíveis nas relações de sociabilidade.

Reconhecidas as tensões já apresentadas, é preciso acrescentar que tanto os “bolsistas” como os “burgueses” não devem ser pensados como blocos homogêneos e monológicos em permanente conflito, pois dentro da universidade ocorrem inúmeras formas de mediação.

Da leitura dos dados foi emergindo a lógica das ações promovidas pelos cursos pré-vestibulares comunitários: a instituição de um circuito de bens imateriais ou de conhecimentos através de redes de reciprocidade construídas pelos seus integrantes. Da mesma forma, vimos surgir a construção de um novo ator social: o universitário dos chamados setores populares que “volta à base” para formar candidatos ao ensino superior, exercendo o papel de estudante e de professor voluntário.

¹ Karina Kuschnir (2001) lembra que a definição de “elite” tem como uma de suas características contrapor-se à de povo ou de massa, referindo-se à “classe que ocupa posição superior em uma sociedade. Como minoria, a elite detém poder tanto político quanto econômico, mantém relações de solidariedade e busca a manutenção da dominação social”. Segundo a autora, o termo elite pode ser usado socialmente com valor positivo.

² Ver os trabalhos de Andréa Pavão, “Do leitor imaginário a imagens de leitores em uma universidade carioca”, e de Dione Dantas do Amaral, “Biblioteca: representações e práticas”, mimeo 2001, no relatório final da pesquisa *Os universitários: modo de vida e práticas leitoras*.

³ No sistema classificatório dos estudantes, as categorias “bolsistas” e “elite” ou “burgueses” definem relações distintas com esta universidade.

⁴ Para obter outras informações, ver “Processos de inclusão e exclusão no ensino superior”, texto de Helena Altmann, no relatório final da pesquisa igualmente intitulado: “Processos de inclusão e exclusão no ensino superior”, mimeo 2001. Ver também “O papel da universidade e a diversidade cultural”, de Camila Leite e Fábio Pereira, mimeo 2001, no mesmo relatório.

⁵ Para Berger e Luckmann (1966, p. 175), a realidade é construída socialmente. O estudo de como o indivíduo se torna membro da sociedade é foco das preocupações dos autores. Simplificando suas posturas, existem dois processos, ou seja, “a socialização primária, a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, durante a qual ele introjeta seu mundo objetivo como subjetivamente significativo e a socialização secundária, qualquer processo subsequente que introduz o indivíduo já socializado em novos setores de mundo objetivo da sua sociedade”. A socialização secundária pressupõe uma personalidade formada, um mundo interiorizado como realidade altamente significativa, tendo como base os processos de socialização primária.

⁶ Segundo Gilberto Velho (2000), a “mediação” é um fenômeno sociocultural e o estudo dos mediadores mostra como se dão “as interações entre categorias sociais e níveis culturais distintos”, ou seja, processos de

comunicação cultural e “trânsito entre mundos socioculturais”. Para tal, torna-se fundamental estudar as trajetórias dos indivíduos, suas biografias, escolhas e campos de possibilidade.

⁷ Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, fundado em 1998.

⁸ Vale lembrar com Gnerre (1985) que a linguagem é usada com distintas funções: além de veicular informações, comunica a posição ocupada por aquele que fala. Ademais, como sugere este autor, a partir de Bourdier (1977), “o poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade pelo falante e concentrá-la num ato lingüístico”.

⁹ Dauster, T. et al. “A invenção do leitor acadêmico”. Cadernos Educação – PUC-Rio. Departamento de Educação, nº 57, jan. 2001.

Referências bibliográficas

- ALTMANN, H. Processos de inclusão e exclusão no ensino superior. In Relatório final da pesquisa intitulada *A invenção do leitor acadêmico – quando a leitura é estudo*. EducAção. Rio de Janeiro:Departamento de Educação, PUC-Rio, 2001. Mimeo.
- AMARAL, D. Biblioteca: representações e práticas. In Relatório final da pesquisa intitulada *A invenção do leitor acadêmico – quando a leitura é estudo*. EducAção. Rio de Janeiro:Departamento de Educação, PUC-Rio, 2001. Mimeo.
- BERGER, P.; LUCKMANN. *A construção social da realidade*. Petrópolis:Vozes, 1985.
- CANAU, V. *Educação intercultural e cotidiano escolar: construindo caminhos*. Rio de Janeiro:PUC-Rio/CNPq, 1996/1998.
- _____. *Universidade, Diversidade Cultural e Formação de Professores*. Rio de Janeiro:PUC-Rio/CNPq, 2000.
- CHARTIER, A. M.; HÉBRARD, J. *Discours sur la lecture (1880-1990)*. Études et Recherches, BPI, Centre George Pompidou, 1989.
- CHARTIER, R. As práticas da escrita. In *História da Vida Privada – Da Renascença ao Século das Luzes 3*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- DAUSTER, T. A invenção do leitor acadêmico. In *EducAção*. Rio de Janeiro: Departamento de Educação, PUC-Rio, janeiro de 2001, n°. 57. Mimeo.
- _____. Os universitários: modos de vida, práticas leitoras e memória. In *EducAção*. Rio de Janeiro: Departamento de Educação, PUC-Rio, janeiro de 2001, n°. 58. Mimeo.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FRAISSE, E. *Les étudiants e la lecture*. Paris:PUF, 1993.
- GUERRA, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo:Martins Fontes, 1985.
- KUSCHNIR, K. Trajetória, projeto e mediação na política. In VELHO, G.; KUSCHNIR, K (orgs.) *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro:Aeroplano Editora, 2001.
- LEITE, C.; PEREIRA, F. O. O papel da universidade e a diversidade cultural. In Relatório final da pesquisa intitulada “A invenção do leitor acadêmico – quando a leitura é estudo”. EducAção. Rio de Janeiro: Departamento de Educação, PUC-Rio, 2001. Mimeo.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

-
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1974, v. II.
- PAVÃO, A. Do leitor imaginário a imagens de leitores em uma universidade carioca. In Relatório final da pesquisa intitulada “A invenção do leitor acadêmico – quando a leitura é estudo”. Educação. Rio de Janeiro: Departamento de Educação, PUC-Rio, 2001. Mimeo.
- SIMMEL, G. Simmel-Sociologia. In MORAES FILHO, E. de (org.). *Simmel:sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.
- VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978. Coleção Antropologia, nº. 11.
- VELHO, G. Biografia, trajetória e mediação. In VELHO, G; KUSCHNIR, K. *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001.
- _____ *Individualismo e Cultura – notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.
- _____ *Projeto e metamorfose. Antropologias das Sociedades Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- _____ Introdução: cultura, identidades e pluralismo sociocultural. In *Revista e Cultura Brasileira*, nº. 1. Espanha: Casa do Brasil/Madrid, março de 1998.
- _____ *Subjetividade e sociedade – uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- QUEIROZ, M. I. Do indizível ao dizível. In VON SIMSON (org.) *Experimentos com histórias de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.